

ghosting
o caminho para o sexo
sandra sergeant

Agradecimentos

Gostaria de começar por agradecer a todos os que, direta ou indiretamente, tornaram este livro possível. O que começou por ser uma sucessão de experiências desastrosas acabou por se revelar o combustível para a minha evolução. Entre o caos das expectativas e a realidade dos encontros, encontrei a maturidade e o equilíbrio necessários para encarar o mundo e as relações de uma forma inteiramente nova.

Às minhas «Quatro Pistoleiras», um brinde. Obrigada pelos momentos inacreditáveis que partilhámos, pois sem as nossas histórias estas páginas teriam muito menos cor.

À minha Mãe, por ser uma presença tão marcante e central na minha vida. Apesar de todos os nossos desafios e da complexidade da nossa relação, o teu incentivo foi fundamental para que eu chegasse aqui.

À minha grande amiga que personifica a Ester, o meu mais sincero obrigado. As tuas inúmeras horas de «terapia» improvisada foram vitais para que eu não perdesse o norte, e a tua sabedoria está presente em cada uma destas páginas.

Finalmente, um agradecimento especial à pessoa que inspirou a Jéssica. Não me canso de o dizer: és, sem dúvida, uma das mulheres mais incríveis com quem já me cruzei. Vivemos juntas uma autêntica montanha-russa nos últimos anos e, no meio de tantas subidas e descidas, foste sempre a presença mais constante. É uma honra ter-te na minha vida e poder chamar-te amiga. Adoro-te.

A todos os que fizeram parte desta história, aos bons, aos maus e aos inesquecíveis, obrigada por me darem algo sobre o que escrever.

Introdução

Não sei quanto a vocês, mas deixem-me que vos diga que a minha experiência nestes últimos dois anos pelas famosas aplicações de engate tem sido uma autêntica montanha-russa. Vivenciei um pouco de tudo: desde o Sr. Conde, uma verdadeira diva dramática digna de Oscar, ao choramingas carente que parecia ter saído direto de uma telenovela das seis, passando pelo mentiroso compulsivo (devia ter um diploma em enredo), o *motard* rebelde cheio de estilo e zero travões, o agente da autoridade... que me levou diretamente ao bandido! A lista de personagens que conheci dava para um *spin-off* inteiro de novela mexicana com participação especial num *reality show*. Foram 26 meses de emoções fortes, reviravoltas e muitas chamadas de SOS às amigas.

Mas vamos recuar um pouco no tempo. O ano era 2020. Tinha-me mudado para a margem sul há cerca de dois anos. Aos olhos dos outros, talvez vivesse um conto de fadas.

Sempre fui extrovertida, ao contrário dele. Ainda assim, encontrávamos equilíbrio. Começámos a namorar quando eu era uma rapariga quase sem experiência. O meu mundo resumia-se a ele. Tínhamos uma vida calma, mas, com o tempo, uma sensação de insatisfação foi crescendo em mim. Aqueles jovens de 21 e 23 anos já não existiam. Havíamos crescido e seguido caminhos diferentes.

Quanto mais refletia, mais percebia que o único elo que nos ligava era carnal. Claro que termos um filho em comum conta, mas com a maturidade que ganhei, entendi que isso não era suficiente para manter um casal junto durante duas décadas. Já o sexo... ah, isso sim, era fenomenal! Mesmo após todos aqueles anos, a química entre nós era brutal. Um simples olhar e eu já estava pronta para ele. Era como se mergulhássemos num oceano de paixão cada vez que nos tocávamos.

Mas apenas sexo, mesmo sendo de arrebatat a alma, não sustenta uma

relação. Foi nesse instante de percepção crua que tudo mudou. O processo de divórcio decorreu de forma tranquila. Sempre achei importante priorizar a amizade e respeitar todas as memórias que construímos juntos.

Ele foi o meu primeiro amor. Daqueles que deixam marcas boas, que duram uma vida e que terá sempre um cantinho no meu coração. Encerrei um capítulo... Aliás, um livro inteiro, para dar início a uma nova realidade totalmente diferente daquela a que estava habituada. Uma nova aventura. E que aventura!...

Swipe para o Orgasmo, Scroll para o Desastre

#Sr.Conde

Tudo começou num final de semana em que sentia que já tinha concluído o luto pelo término de um casamento de 20 anos. Nove meses se haviam passado e, finalmente, começava a sentir-me viva novamente. Com vontade de ser desejada, de sentir o toque de alguém a explorar cada centímetro do meu corpo. Claro que o sugador faz o serviço com eficiência e em tempo recorde, mas convenhamos: nada substitui uma noite de loucura com sexo incrível. E assim, num piscar de olhos, decidi que era altura. Claro que o foco era namorar. Na minha mais pura ingenuidade, acreditava que ainda era possível encontrar um relacionamento de alto valor. Ninguém me alertou para a selva em que se tornou o romance no século XXI: onde iludir é normal, golpe é moda e amar é uma piada.

Como é possível que, em tão pouco tempo, tudo tenha mudado de forma tão drástica? A maneira como as pessoas se relacionam hoje em dia não tem nada a ver com os anos 2000, quando a transparência e a frontalidade eram o padrão, e carácter e valores realmente contavam. Agora, os papéis estão invertidos: a presa virou predador. Não podemos ser sinceros e genuínos; se respondermos rápido ou mostrarmos interesse, somos emocionais. O ideal é ser desapegado, egocêntrico, narcisista. Tudo se tornou num jogo de desinteresse, uma briga de egos, em que, aparentemente, quem se mostra mais desinteressado é quem vence. E, na minha ingenuidade, decidi lançar os dados e, sem perceber, atirei-me às feras.

A minha primeira aventura digital nem foi pela *app* mais famosa, mas por uma funcionalidade escondida numa rede social. Até achei aquilo engenhoso: sugeria amigos de amigos, um elo comum, mais seguro, pensei. Coitada. Batizei a aplicação como «O Talho», quem anda por lá sabe: é gado de todos os tipos, numa autêntica feira de carnes!

Com algum receio e muito entusiasmo, fiz *upload* de umas fotos, preenchi os dados e atirei-me de cabeça, convencida de que ia encontrar um príncipe encantado. Mas pelos *swipes* que dei, estava mais atrás do Lobo Mau.

Não demorou muito até cruzar-me com a minha primeira experiência digna de registo: o Alfaiate, mais conhecido entre as minhas amigas como o «Sr. Conde», uma verdadeira diva. Falava como se morasse num palácio. E o ego? Maior que a Torre dos Clérigos numa noite de nevoeiro.

Durante um jantar com amigas, numa noite quente de junho, entre uma taça de vinho e outra, dei início a uma troca de mensagens que se prolongou por meses, com muita diversão e orgasmos pelo meio.

A apresentação dele era... deplorável. *Red flags* saltavam do ecrã, mas a minha tendência para enfrentar desafios falou mais alto. Nos dias seguintes trocámos longas mensagens. Ele sabia ser atencioso sem exagerar, engraçado sem forçar piadas, e demonstrava interesse sem ser invasivo. A confiança foi crescendo aos poucos, e comecei a sentir que talvez estivesse pronta para avançar para o próximo passo.

Nessa manhã acordei relativamente cedo, olhei para o telemóvel a vibrar sobre a mesa. Senti um frio na barriga ao ver o nome do Alfaiate na tela. Tínhamos combinado um almoço em Oeiras, um local neutro e agradável para um primeiro encontro, mas agora ele queria falar ao telefone. Um sentimento fez com que demorasse alguns segundos antes de atender.

— *Olá, Alfaiate!* — disse, tentando soar casual.

— *Olá, Raquel! Está tudo bem? Olha, espero que não te importes, mas queria sugerir uma pequena mudança nos nossos planos. Em vez de Oeiras, que tal encontrarmo-nos em Lisboa? Há um restaurante fantástico perto da minha casa que tenho a certeza que vais adorar. O que te parece?*

Franzi ligeiramente a testa. A mudança de local parecia inofensiva, mas algo me dizia que havia mais por trás desse pedido. Não tinha bem definido qual o desfecho daquele encontro, mas o facto de não ter intimidade com alguém há praticamente um ano deixava-me desconfortável; na verdade era um misto de emoções, porque a vontade começava a ganhar força dentro de mim: como seria ser beijada e tocada por outro homem que não o meu ex-marido? Com ele tudo já era tão automático, sabíamos como chegar um ao outro, cada detalhe, cada ponto erógeno. E de repente deparar-me com a realidade da novidade, do desconhecido; sentia náuseas mas em simultâneo as tão desejadas borboletas no estômago. Respirei fundo antes de responder.

— *Lisboa? Hum, não estava a contar com isso. Oeiras parece-me um bom*

meio-termo — disse, deixando um espaço para que ele explicasse melhor a razão da alteração.

— *Sim, claro, mas Lisboa dá-me mais jeito* — argumentou o Alfaiate, com um tom persuasivo.

Por breves momentos hesitei. O que parecia uma simples mudança de planos poderia ser um indício de intenções diferentes das minhas. Sabia que, se aceitasse, estaria a facilitar uma situação em que o final do encontro aconteceria mais perto da casa dele. Mas também não queria parecer desconfiada ou inflexível.

— *Entendo* — disse, escolhendo as palavras com cuidado. — *Mas prefiro manter o nosso plano inicial. Acho que vai ser mais equilibrado para ambos.*

Do outro lado da linha houve um breve silêncio.

— *Claro, claro, como quiseres. Vejo-te em Oeiras às 13h, então.*

Quando desliguei a chamada, senti um misto de alívio e satisfação. Era apenas um encontro, mas para mim significava mais do que isso. Era uma prova de que, depois de nove meses de solteira, estava pronta para me envolver novamente, contudo nos meus próprios termos. Mal eu sabia o que o futuro me reservava; foram tantas as viagens noturnas ao Campo Pequeno, mas naquele dia mantive-me firme e logo naquele momento decidi que ia apenas almoçar. Olhei-me no espelho, ajeitei o cabelo e respirei fundo. Estava pronta para ver o Alfaiate para lá da tela do telemóvel.

E, no fundo, sentia que algo especial poderia começar ali.

O ponto de encontro estava marcado para as 13 horas num restaurante em Oeiras. Tendo uma costela escocesa, fui pontual. Já o Alfaiate teve de se armar em diva e chegou com 20 minutos de atraso. No perfil parecia ser bem mais alto do que na realidade, e essa foi a primeira de algumas inconsistências que notei ao longo do almoço.

Após alguns minutos de conversa, comecei a notar pequenas incoerências no que ele dizia sobre si próprio. No perfil, o Alfaiate tinha afirmado não ter filhos, algo que eu tinha registado sem grande reflexão. Durante o almoço, porém, à medida que a conversa avançava, foram surgindo referências dispersas que acabaram por esclarecer a realidade: afinal tinha dois filhos, um deles ainda muito pequeno, um bebé com pouco mais de um ano. A discrepância ficou ali, silenciosa, a instalar-se no meu pensamento enquanto tentava perceber de onde vinha aquela versão inicial tão diferente.

Ainda assim, o almoço desenrolou-se com naturalidade. Sendo professor catedrático, tinha claramente o dom da retórica e assunto não lhe faltava. Falava com segurança, articulado, confortável no discurso, e conduzia a conversa com a facilidade de quem estava habituado a ter uma sala inteira a

ouvi-lo. Entre histórias, opiniões e pequenas provocações intelectuais, consegui manter o encontro leve e envolvente, de tal forma que a estranheza inicial acabou por se diluir no ritmo da conversa.

No final do almoço, sugeri fazermos uma caminhada pelo Passeio Marítimo, mas o Alfaiate recusou. Em vez disso, ofereceu-se para me acompanhar até ao carro. Pareceu um gesto de cavalheirismo, mas assim que destranquei a porta ele entrou e sentou-se no banco do passageiro sem sequer perguntar. Automaticamente senti-me pressionada. O ambiente, que até então era leve, tornou-se desconfortável. Respirei fundo e, com um tom firme, pedi-lhe para sair, alegando que estava fatigada e queria descansar. O desapontamento foi evidente no rosto do Alfaiate, mas não me deixei abalar. Aprendera a confiar na minha intuição, e naquele momento senti que tinha tomado a decisão certa.

Entretanto, quando cheguei a casa reparei que tinha uma mensagem do Sr. Conde a perguntar-me se queria ir até ao Campo Pequeno para beber um *gin*. Mal lhe disse que teríamos de deixar para uma próxima vez, levei o meu primeiro *ghosting*.

Nesta altura ainda nem sabia bem o que era, estava habituada a uma realidade que já não existia há algum tempo.

Os dias foram passando, e nada do Sr. Conde. Até que num determinado dia, em que estava na praia com uma amiga, visualizei uma publicação dele no Instagram, um petisco cuidadosamente montado e exibido como um convite silencioso ao prazer gastronómico; não resisti e comentei sem deixar passar a oportunidade:

— Para esses petiscos é que me devias convidar!

— Não seja por isso, sobrou bastante. — A resposta veio rápida e sem cerimónias.

— Achas, Alfaiate? Não como restos.

— Um *gin* parece-te bem? — sugeri, percebendo a rigidez na minha resposta e talvez tentando compensar.

— Neste momento estou na praia acompanhada por uma amiga e sem horário para regressar.

— OK. A minha varanda tem uma vista deslumbrante para o *sunset*. Vou partilhar a localização, se mudares de ideias.

— Veremos — respondi, deixando no ar a incerteza que também habitava dentro de mim.

Partilhei com a minha amiga Carlota que estava a ponderar encontrar-me com o Alfaiate para um *gin* rápido ao final do dia, mas que não fazia intenção de me demorar — a ideia era ir lá beber um *gin* em casa dele e regressar.

Às 18 horas fui para casa tomar um banho, tirar o sal e a areia que tinha no corpo; escolhi um vestido *sexy* e dirigi-me ao Campo Pequeno.

Sentia-me calma e confiante, apesar de estar a ir à casa dele para o nosso segundo encontro. Contudo, um convite para um *gin* ao entardecer era tentador, e a curiosidade de conhecê-lo num ambiente mais íntimo superava qualquer hesitação. Partilhei a localização em tempo real com a Carlota, *just in case*, toquei à campainha e subi até ao 6.º andar. Quando cheguei percebi que ele estava nervoso. Tentava disfarçar, mas a maneira como se prendia ao computador denunciava o desconforto. Talvez fosse insegurança, talvez uma forma de preencher o silêncio inicial. Recebeu-me à porta de óculos, para dar aquele toque intelectual, e com a cadelinha *Minnie* no colo; rendi-me logo aos encantos daquela criatura minúscula.

— A trabalhar ou a fugir de mim? — comentei em tom de brincadeira, tentando aliviar o clima.

Ele sorriu, desviando o olhar da tela.

— Um pouco dos dois, talvez. Queres beber um *gin*?

— Proposta tentadora. Foi o que me trouxe até aqui — respondi com um olhar provocador.

Dirigimo-nos à cozinha para preparar os primeiros *gins* da noite, com aquela sensação de expectativa no ar.

Em minutos estávamos sentados na varanda. O Sol já se punha no horizonte, tingindo o céu com tons de laranja e rosa. Falámos, rimos, bebemos... falámos mais um pouco, rimos ainda mais e brindámos sem cerimónia ao acaso daquele encontro improvável.

Quando terminei o *gin*, o Alfaiate pousou o copo dele com um gesto lento, como se o tempo também tivesse decidido relaxar connosco, e perguntou-me com um sorriso enviesado:

— Queres um segundo?

Hesitei por um instante. Não porque não me apetecesse — a verdade é que a conversa estava animada e o ambiente tinha aquele tipo de leveza que apetece prolongar —, mas porque a minha intenção inicial era estar ali o mínimo de tempo possível. No entanto, olhei para o copo vazio, depois para ele, e pensei: *porque não?*

— Vá, bebo mais um e depois arranco para casa da Carlota — disse, com um meio sorriso maroto.

Ele acenou com a cabeça e levantou-se com elegância, como se cada passo fizesse parte de uma coreografia discreta. Regressou com os copos, o gelo a tilintar, e brindámos de novo. O segundo *gin* deslizou mais depressa do que o primeiro. Quando me apercebi, já estava a rir mais alto, a falar mais solta,

as palavras a saltarem da língua como se estivessem a correr para a pista de dança.

Encostei-me à cadeira, virei-me para ele com um ar desafiante e disse:

— Alfaiate... vamos a um terceiro?

Ele arqueou ligeiramente uma sobrancelha, como quem mede o terreno antes de dar o salto.

— A questão é: achas que consegues acompanhar-me?

Inclinei a cabeça, aproximei-me ligeiramente da mesa e deixei escapar um sorriso confiante:

— Nem imaginas o quanto. E tu? Estás à altura?

Ele soltou uma gargalhada baixa, mais pelos olhos do que pela boca, e respondeu enquanto já se levantava outra vez:

— OK... não digas que não te avisei.

A tensão crescia de forma quase impercetível, entre um sorriso e outro, como se estivéssemos ambos à espera que o outro desse o próximo passo.

Em determinado momento, ele inclinou-se e pediu:

— Levanta-te um pouco.

Olhei-o com curiosidade, mas resolvi obedecer. Antes que pudesse perguntar o motivo, ele inclinou-se e beijou-me, mas com hesitação. Recuei ligeiramente e, com um sorriso desafiador, disse:

— Se a tua intenção é conquistar-me, então que seja com firmeza e sem hesitações.

Ele olhou-me fixamente nos olhos meio em choque, mas sem pestanejar; inclinou-se, e subitamente senti os lábios dele tocarem nos meus, desta vez com um beijo intenso, carregado de desejo contido.

Nesse momento fui invadida por uma onda de prazer que me dominou; nove meses se tinham passado desde a última vez que alguém me tinha tocado, e por breves momentos ainda me debati se deveria ceder ou desfrutar. Rendi-me à luxúria... Em segundos o *switch* ligou-se e a partir desse momento foi um caminho sem regresso. Encostei-o à parede e agarrei-lhe os cabelos, estava completamente descontrolada. O meu único foco era libertar toda aquela tensão acumulada por meses, mas no momento em que lhe puxei os cabelos com alguma intensidade, ele retraiu-se. Segurou-me a mão, afastou-me e simplesmente desapareceu da varanda. Tinha feito recentemente um transplante capilar que me havia ocultado, e que viria a confessar-me apenas umas horas mais tarde.

Acredito que a ausência tenha sido de escassos minutos, mas no momento pareceu uma eternidade. Sentei-me para ponderar se deveria esperar ou dar a noite como concluída — aquilo era o maior de todos os *turn off*. Decidi

dar como concluída a noite mas nesse exato momento ele entrou novamente na varanda.

— Assustei-te, Alfaiate? — perguntei com um sorriso maroto.

— Fui apanhado desprevenido, essa tua cara de anjo engana...

E nesse instante sem o deixar concluir a frase já estava outra vez agarrada a ele. Toda eu fervia por dentro, era um desejo incontrolável, tinha de ser possuída rapidamente. Arrastei-o até à sala e atirei-o para o chão. Ele agarrou-me pelos pulsos e pediu-me para ter calma. Nesse momento afastei-me e pedi para se despir, que queria vê-lo.

Ele, meio inibido, concedeu-me o desejo, retirou todas as peças de roupa que tinha vestidas... e sem pensar duas vezes, embriagada pelo *gin* e pelo momento, atirei-me a ele como se estivesse a recuperar o tempo perdido.

Que saudades... Como é que aguentei tantos meses sem isto? E, no meio daquela avalanche de sensações, ouvi a voz dele, rouca e meio em agonia:

— Raquel, se queres ser montada, tens de parar com os puxões de cabelo!

E se queria, como queria, era só tudo o que mais queria naquele momento.

O sexo foi incrível, três orgasmos, caramba! Pode parecer banal, mas convenhamos: o meu jantar nessa noite foram três *gins*, e ainda por cima era a nossa primeira vez. Todos sabemos como essas estreias costumam ser... especialmente com um quase estranho. E, contra todas as probabilidades, superou as expectativas.

Saí da casa dele já depois das 23h, com aquele sorriso maroto de quem aprontou. Peguei no telemóvel e vi uma série de mensagens da Carlota. A última dizia:

— Pela quantidade de horas, já percebi que aconteceu, espero que estejas a divertir-te. Até amanhã *babe*.

Claro que tinha de partilhar tudo com as minhas amigas, era impossível guardar aquilo só para mim! A minha cabeça parecia um carrossel de emoções, uma verdadeira montanha-russa hormonal. Abri o WhatsApp e fui direta ao grupo das Pistoleiras. Para quê mandar áudios separados se as quatro bandidas estavam todas concentradas ali? Fiz um autêntico *podcast deluxe*, com direito a efeitos sonoros e dramatização, sem deixar escapar um único detalhe daquela noite de loucura. E, claro, fui logo bombardeada com uma chuva de perguntas, *emojis* em pânico, risos histéricos e *gifs* que pareciam ter sido escolhidos a dedo pelo Universo!

— O sexo foi bom?

— Ele aguenta bem?

— A pila é grande?

E assim, naquela noite, deu-se início ao que viria a tornar-se no *chat* mais

animado, escandaloso e terapêutico das Pistoleiras. Fui a primeira a abrir o jogo e a partilhar tudo ao detalhe: sem filtros, sem vergonha. A Carlota e a Vicky são personalidades fortes, competitivas até na quantidade de *emojis* usados. A Ester, sempre mais recatada, observava do seu canto com comentários certos e inesperados. E a minha querida Jéssica... ai, a Jéssica! Um furacão de espontaneidade, com gargalhadas fáceis e uma leveza contagiante. Todas ocupam um lugar especial no meu coração, mas com a Jéssica sinto uma conexão diferente, somos almas gémeas em versão sarcástica e sem papas na língua.

Ninguém ali tinha travões, perguntas íntimas, relatos gráficos, e até apostas corriam soltas. Houve vezes em que apostaram no número de orgasmos que eu ia ter, e a Vicky, com aquele radar afiado que parece bruxaria, quase sempre acertava.

Nos dias que se seguiram àquela noite de perdição... silêncio. Nenhuma notícia do Sr. Conde. Tranquilo. Fazia parte do «jogo».

Uma semana depois lá veio ele, todo casual:

— Olá, Raquel, como tens passado?

— Olá, Sr. Conde, bons olhos o vejam. Tenho andado a mil, as férias acabaram, o regresso à realidade não está a ser fácil. É um processo que requer algum tempo de adaptação. E contigo, como tens passado?

— Esta semana estou com os miúdos. Sinto-me exausto. Nem imaginas, tenho de dividir o mês em duas pessoas diferentes: numa sou o paizão dedicado e amoroso que brinca, muda as fraldas, vai passear, e na outra o solteirão que quer viver tudo num dia.

— Se soubermos gerir, tudo é possível de ser conciliado.

— Então e o que achaste da nossa noite? Foi uma loucura, estava complicado domar-te.

Sorri para mim mesma. Ele queria uma avaliação de sua *performance*? Depois de tantos dias sem contacto!..

— Para ser sincera, não tenho bases para avaliar — digitei. — Não estava exatamente sóbria...

Ele demorou um pouco para responder, até que surgiu uma nova mensagem:

— Então temos de repetir. Hoje? — arriscou, rápido e direto.

Pensei por alguns segundos antes de responder:

— Então, e o que tens em mente?

— Aqui em casa. Tenho o miúdo comigo, precisamos de ser silenciosos desta vez.

Sorri e respondi sem hesitar:

— Não prometo, mas vou tentar...

E assim, sem rodeios, estava marcado o reencontro.

Às 18h saí do trabalho meio apressada, só tinha uma janela de três horas para me preparar, e ainda tinha de sobreviver à linha de Sintra (embora morasse em Oeiras, apanhava frequentemente esta linha, que me deixava mais perto do Campo Pequeno e evitava múltiplos transbordos). Encontrei-me na plataforma com a Ester, que já estava à minha espera há alguns minutos. O comboio, para variar, vinha atrasado e com lotação máxima, mas ia apanhá-lo a qualquer custo. As portas abriram-se, olhei para ela com um sorriso malandro, pisquei-lhe o olho e perguntei:

— Preparada?

Ela, meio que em pânico, olhou para o interior da carruagem com a certeza de que não havia espaço para nem mais um mosquito:

— Não seria preferível esperar pelo próximo comboio, Raquel?

— Estou cheia de pressa, o próximo é uma questão de sorte, e provavelmente vem lotado como este...

Ainda não tinha concluído a frase e já estava a abrir caminho para entrar. Ela posicionou-se atrás de mim e seguimos a nossa viagem.

— Como correu o dia? — perguntou a Ester.

— Livra, não parei, uma loucura como sempre. Adivinha quem deu um ar da sua graça hoje?

— A sério, o Alfaiate ligou-te?

— Convidou-me para nos vermos mais logo.

— Então, a meio da semana vais encontrar-te com ele no Campo Pequeno?

— Claro, achas que vou recusar a oportunidade de ter três ou quatro orgasmos? Nunca.

— Não sei onde vais buscar tanta energia. Amanhã é dia de trabalho e às 9h já tens de estar no escritório.

— Fogo, até vou com outro ânimo, acredita.

— Tu és doida. Se eu alguma vez ia pegar no carro, conduzir para o Campo Pequeno numa quarta-feira à noite.

— Com todo o gosto, ah! ah! ah!

— Bem, eu vou sair nesta estação, diverte-te e depois manda mensagem a dizer como correu.

— Sim, não te preocupes. Assim que terminar, faço um *podcast* e partilho todos os detalhes sórdidos, prometo.

Cheguei a casa por volta das 19h. Estava um pouco nervosa. Apesar de querer estar sóbria nessa noite, bebi um copo de vinho para relaxar, seguido de um banho bem quente com sais. Fiz todo aquele ritual *pré-date*: depilação,

esfoliação, hidratação. Queria que a minha pele estivesse sedosa, suave ao toque, perfeita para as mãos dele deslizarem pelo meu corpo. Apesar de ser um dia de semana, o cansaço não me alcançava. O entusiasmo tomara conta de mim. Nem me apercebi de as horas passarem, meia hora antes da hora combinada já estava pronta.

Enviei-lhe uma mensagem:

— A caminho!

— O António ainda não adormeceu, dá-me mais um tempo, por favor.

Sorri enquanto pegava nas chaves e, sem hesitar, respondi:

— Problema teu. Em 30 minutos estou aí, garanhão.

Entre no *Smart* e dirigi-me até ao Campo Pequeno. Cheguei às 22h, conforme combinado. Toquei à campainha. Enquanto o elevador subia ajustei o peito, coloquei um pouco de *gloss* cor-de-rosa. Apesar de estar vestida a rigor para um encontro, são os detalhes que fazem a diferença.

E, como no primeiro encontro, recebeu-me igualmente com a cadelinha ao colo, mas desta vez vestia umas calças de pijama às riscas e de tronco nu. Fiquei chocada com o contraste. Eu vestida para uma gala, e ele completamente despreocupado com a ocasião.

A cadela, ao ver-me, começou a latir, marcando território. Eu não sabia como reagir.

— Entra depressa para ela se calar, que ainda vai acordar o António — pediu o Alfaiate, desesperado.

— OK, deixa-me só tirar os sapatos, que no soalho de madeira vão fazer imenso barulho.

— Sim, vai para a sala enquanto eu verifico se está tudo bem com o miúdo e coloco a *Minnie* no quarto.

Dirigi-me para a sala. Passados uns minutos ele apareceu, continuava de pijama e em tronco nu. Não era de todo o que eu tinha idealizado para um segundo encontro, mesmo caseiro, mas pronto, era ele sendo ele, sem filtros.

— Queres beber algo, Raquel? — perguntou, com aquele sorriso de quem já tem um copo na mão e segundas intenções na cabeça.

— Obrigada, estou bem. Quero estar sóbria para poder avaliar se és bom como achei da última vez que aqui estive. Claro que depois de três *gins* a nossa perceção já não é real. Vamos lá perceber se estás à altura.

Inclinei-me para o agarrar, mas ele segurou-me nas mãos!

— Calma, o António ainda está acordado, vamos conversar um pouco.

— Tu e as conversas, homem. Eu não vim para conversar, já está tarde e amanhã às 9h estou de volta ao Campo Pequeno para ir para o escritório, não tenho a tua boa vida de «herdeira».

— Estás enganada, Raquel, eu trabalho!

Aproximei-me do ouvido dele e sussurrei:

— Bora lá dar uma voltinha no carrossel.

Desta vez ele não me afastou. Comecei lentamente a despi-lo e com alguma curiosidade de o ver. Apesar de ser a nossa segunda vez, não fazia a mínima ideia de como era a pila dele, mas imaginava-a voluptuosa e rosadinha.

Em segundos, as calças do pijama e os boxers da *Calvin Klein* já tinham voado para o chão. Finalmente ia poder visualizar o que tanto queria, e, mais que visualizar, senti-la novamente na minha mão.

Para meu espanto, era bem menor do que eu esperava, algo em torno de oito centímetros. Mas, de alguma forma, havia algo curioso na situação, talvez fosse a sensação de familiaridade que ele transmitia, de uma semelhança física com alguém do meu passado. Respirei fundo e pensei: «*Vamos lá, mais uma aventura*».

A certa altura, quando ele estava por cima de mim, entre movimentos intensos e ritmados, algo chamou-me a atenção. Pela primeira vez, tive uma noção mais real da idade dele. Na aplicação dizia ter 39, mas havia alguma coisa nos traços do rosto, nas rugas suaves em torno dos olhos, na firmeza do corpo ligeiramente desgastada, que o denunciava.

Empurrei-lhe levemente o peito, fixei-lhe o olhar e, num tom atrevido e meio incrédulo, deixei escapar:

— Não tens 39 anos, nem pensar — disse-lhe, entre risos e ofegante.

Ele nem parou. Sorriu e respondeu com naturalidade:

— Tenho 47. Porquê?

Fiquei em choque por uns segundos. Nunca tinha estado com alguém tão velho. — Achei que tinhas uns 42, vá...

Ele soltou uma gargalhada rouca e provocadora, inclinando-se sobre mim, com aquele ar sacana de quem adora subverter expectativas.

— Não te preocupes... Também nunca estive com ninguém com mais de 30. Estamos os dois a explorar terreno novo.

E nesse momento, mais do que a idade, o que importava era a intensidade com que os nossos corpos se encontravam, como se o tempo todo tivesse sido apenas um detalhe insignificante.

Desatámos a rir e continuámos a nossa maratona.

Quando senti o quinto orgasmo a atravessar-me o corpo, respirei fundo e disse-lhe, entre risos e cansaço, que já estava mais do que satisfeita. Ele não respondeu. Virou-me com firmeza, puxou-me o cabelo com aquele cuidado instintivo de quem sabe até onde pode ir, e voltou a entrar em mim.

Não era pelo tamanho. Oito centímetros não impressionam ninguém,

mas também não era isso que importava. Foi com o Sr. Conde que eu tive mais orgasmos múltiplos, e isso, sim, fez a diferença.

Enquanto ele me segurava, soltei um sussurro provocador:

— Dá-me uma nalgada.

— Eu não faço essas coisas. Pede a outro.

— A outro quem? — perguntei, surpresa com a resposta.

— O outro com quem fodes — respondeu, seco.

Sem me dar conta, aquilo foi o primeiro sinal do jogo psicológico que se instalaria entre nós durante os meses seguintes. Não havia outro. Aliás, eu própria tinha escolhido um período de abstinência por vontade própria. Mas isso, definitivamente, nunca lhe diria.

Quando terminámos, levantei-me do sofá, mas ele puxou-me para junto dele. Apertou-me nos braços com um cuidado inesperado. Fui apanhada desprevenida, mas a verdade é que aquele gesto soube bem. Ficámos ali, aninhados, por mais uns 10 minutos.

— Alfaiate, tenho de ir dormir. O despertador toca daqui a seis horas — disse com um suspiro de cansaço. Sabia que o dia seguinte não me perdoaria.

— Estás bem para conduzir? — perguntou, genuinamente preocupado, o que até me surpreendeu.

— Hoje não toquei em álcool — disse, tentando convencer-me de que o comportamento sensato era o melhor caminho, mesmo que a noite tivesse sido uma loucura.

— Então manda mensagem quando chegares, por favor — pediu, enquanto me abria a porta com um sorriso suave.

E assim foi. Entrei no carro, liguei o GPS e arranquei rumo a Oeiras. Pelo caminho fui gravando um pequeno *podcast* improvisado para as Pistoleiras, com todos os detalhes picantes da noite. No dia seguinte encontrámo-nos no café do Saldanha logo de manhã, naquele intervalo breve antes de cada uma seguir para o trabalho. As Pistoleiras já tinham ouvido o meu áudio da noite anterior e estavam com aquele ar expectante de quem sabia que a versão ao vivo vinha sempre mais completa.

— Adoro o detalhe do salto, *tac tac tac*, a bater no chão enquanto relatas tudo — comentou a Jéssica, com os olhos a brilhar de entusiasmo.

— Sim, é mesmo o que mais se destaca no áudio, Raquel — acrescentou a Carlota, a rir.

— Meninas, então a Raquel foi a um encontro ontem... tinha de arrasar, é óbvio! Mas vamos ao que interessa... Quantos orgasmos? A pila era grande ou não? — perguntou a Vicky, direta como sempre.

— Cusca do costume! Bem... foram cinco orgasmos. Nada mau, não me

posso queixar. Agora... a pila? Minúscula. Nunca vi nada assim. Mas a verdade é que o homem sabe mesmo o que faz. Dá-me prazer como poucos — confessei, entre um gole de café e um sorriso matreiro.

— Uma micropila? Tens de levar uma lupa da próxima vez. Vai haver próxima, certo? — provocou a Vicky, a rir-se.

— Que má! — respondi, a abanar a cabeça. — Mas sim, se depender de mim, claro que vai haver próxima.

— Muito bem, estamos, portanto, oficialmente revigoradas para enfrentar mais um dia de trabalho — brincou a Ester, ajeitando o casaco.

— Ah! ah! ah!, completamente! — Toda eu brilhava, ainda com o corpo a ecoar os efeitos da noite anterior.

A manhã até fluiu bem, mas depois do almoço o corpo começou a ceder. O cansaço foi-se instalando devagar, até que não aguentei mais. Assim que saí do trabalho, fui direta para casa... precisava de descansar.

No dia seguinte acordei renovada, com o corpo leve e a pele a pedir toque. Durante a manhã cruzei-me com um *story* dele e não resisti. Abri a conversa e escrevi, com aquele ar de desafio a que ele não resiste:

— *Happy friday!* Com vontade de dar mais uma voltinha no carrossel? — perguntei, com uma pontinha de provocação.

— Hoje, Raquel? — respondeu ele, meio surpreso, com aquele tom de «estás mesmo a testar os meus limites?».

— Hoje mesmo... — insisti, com ar de quem já estava pronta para a festa.

— Já não te lembras? — suspirou ele. — Esta semana tenho a Estrela, e o António ficou de trazer um amiguinho para dormir cá em casa — completou, com aquele tom de pai exausto, mas responsável, como quem tenta resistir ao apelo do pecado.

— Hum... e eles vão dormir na tua cama? — perguntei, deixando o sarcasmo escorregar por entre os dedos como perfume.

— Claro que não.

— Então pronto: 22h, Campo Pequeno. Não te atrases.

— Combinado.

Sorri para o ecrã, sabendo exatamente o que aquele «combinado» significava. Havia algo naquele jogo de sedução que me incendiava por dentro. Aquela tensão doce de quem sabe que está prestes a entrar numa dança perigosa... e deliciosa.

— Adivinhem quem vai faturar hoje?! — anunciei, com um sorriso maroto, no *chat* das Pistoleiras.

— Não pode ser... Outra vez, Raquel?! — disseram quase em coro, as quatro em perfeita sintonia.

— Olhem, alguém tem de compensar nove meses de clausura, não é verdade?

Desta vez queria algo diferente. Fui até ao roupeiro e escolhi um corpete preto e vermelho, de brocado, cuecas a condizer, perfume generosamente borrifado por toda a roupa. Vesti umas meias de liga e finalizei com uma gabardina bege. Um clássico que nunca sai de moda. Uma sensação de êxtase começou a invadir-me! Dei duas pulverizações discretas de perfume na parte interior das coxas, como um segredo só meu, e saí em direção ao Campo Pequeno.

Estacionei o *Smart* às 21h50. Respirei fundo e deixei-me embalar pelo som dos saltos a ecoarem na estrada. Senti-me poderosa. O mundo era meu. Subi a avenida com passo firme.

À hora combinada toquei à campainha. A porta abriu-se discretamente e fui orientada em silêncio até ao quarto. A casa estava cheia de crianças e o ambiente pedia discrição. Pela primeira vez, entrei no espaço mais íntimo dele: um quarto pequeno, com cerca de 10 metros quadrados, essencialmente ocupado por uma cama grande, duas mesinhas e uma poltrona discreta. O destaque era mesmo a cama, parecia feita de plumas, envolvente, luxuosa, como se me preparasse para um sonho. E, talvez, era mesmo isso.

Minutos depois ele apareceu. Deixei a gabardina escorregar pelos ombros até cair no chão, revelando o corpete justo que abraçava cada curva do meu corpo. A reação dele foi imediata, os olhos absorveram cada detalhe como se vissem algo raro. Aproximou-se e puxou-me com firmeza, atirando-me para a cama com uma fome contida. Os beijos percorreram-me as coxas, e agradei em pensamento por ter usado o *Black Opium*... era viciante, quase um feitiço.

Em pouco tempo atingi o clímax. Duas vezes. O corpo reagia a cada toque como se estivesse sedento há meses. Quando senti que era hora de retribuir, retirei-lhe lentamente o pijama às riscas e explorei cada centímetro com devoção, testando os limites com o meu novo brinquedo. Bastaram alguns minutos para perceber que ele estava à beira de perder o controlo. Recuei, sorrindo por dentro, ainda com o corpo em brasa.

O jogo estava longe de terminar. Ainda havia desejos por cumprir, vontades por explorar. E, naquela noite, eu estava disposta a prolongar o prazer até ao último segundo.

Afinal, quem impõe os limites sou eu.

Montei-me em cima dele, sentindo cada movimento como se fosse uma dança crua e intensa. Os orgasmos vieram em sequência, como ondas, arrebatadores. Também, naquela posição tornava-se impossível não os ter. O

corpo dele reagia ao meu como se já conhecesse o ritmo. Havia entrega, mas também brincadeira... e, sem dúvida, uma liberdade rara.

A determinada altura ele deixou escapar uma daquelas frases que só fazem sentido no calor do momento. «Isso... fode o pai...» Ri-me descontroladamente. A leveza entre nós era algo que já se tinha instalado, e falar durante o sexo era quase tão natural como gemer. Aquela confiança permitia até troços ridículos no vocabulário sem estragar a química. Mais alguns minutos de prazer depois, a fadiga começou a manifestar-se nele, e o corpo pedia descanso, mas o meu ainda não estava satisfeito. Pedi mais uma vez. Prendi os pés sob as suas nádegas, fixando-o em mim, e continuei a cavalgar até atingir mais um orgasmo. A seguir ele virou-me de costas, acelerou o ritmo e também atingiu o seu limite.

Deitei-me ao lado dele, e, com o meu corpo ainda a pulsar, ele puxou-me para os seus braços. Queria conversar. Talvez para perceber onde eu me situava, o que procurava ali, naquela ligação tão física quanto confusa. A resposta dele era previsível: evitar dramas e complicações. Um discurso que já parecia ensaiado.

Referiu-se às mulheres mais novas como se fossem todas uma versão da mesma história: obcecadas por casamento e filhos. Alegava querer apenas divertimento. Contou, entre risos, que a irmã o acusava de querer foder todas as mulheres de Lisboa. Subitamente, deixou escapar que Dublin estava nos seus planos, desde que surgisse companhia. Fiquei em silêncio. Aquilo não soava a convite, apenas a uma partilha forçada, talvez para me testar. Disse-lhe que com certeza não lhe faltaria uma «pita» deslumbrada para o acompanhar. Mas a resposta dele foi um lamento sobre a falta de conteúdo dessas relações. No fundo, continuava a procurar algo que nem ele sabia bem definir.

Contudo, a vida não se resumia àquele quarto, àquele corpo ou àquele momento. Levantei-me com calma, já não fazia sentido prolongar aquilo. Precisava de espaço, de silêncio e de mim.

Após vestir-me apressadamente, ainda sob a penumbra da madrugada, embarquei na viagem de regresso a Oeiras e passei o sábado a recompor energias, permitindo que o tempo fluísse preguiçosamente enquanto recuperava o fôlego para o que viria a seguir.

Quando a noite de domingo finalmente se instalou, encontrava-me novamente a caminho do Campo Pequeno, pronta para mais uma intensa maratona de paixão. No entanto, ao chegar fui surpreendida por um desejo inesperado: em vez da habitual entrega ardente, ele quis simplesmente ver um filme e aninhar-se comigo no sofá, num contraste delicado entre o fervor e a ternura. Naturalmente, o final do filme acabou por ser irrelevante, porque a meio já

ninguém prestava atenção ao ecrã. Deixei-me levar pelo desejo crescente e comecei a roçar-me contra ele, provocando uma faísca impossível de ignorar. Em questão de instantes, as roupas que nos separavam encontravam-se espalhadas pelo chão, cedendo espaço à pele e ao fervor do momento.

Desta vez, porém, ele expressou o desejo de assumir a posição de missionário, uma escolha que, confesso, passa-me um bocado ao lado, mas à qual me entreguei, deixando que o ritmo da noite guiasse os nossos corpos entrelaçados.

— Não sou grande fã, até porque nunca tive um orgasmo nessa posição, mas se fazes questão ‘bora lá dar tudo, garanhão!... — disse, com um sorrisinho maroto.

— Não duvides dos meus dotes, Raquel — respondeu, todo confiante.

Entrou em mim com movimentos lentos, cheios de intenção. Fitou-me nos olhos, com aquele ar de quem acha que está a dar espetáculo, e perguntou:

— E então? Está do teu agrado? Estou a conquistar-te?

Eu nada respondi, apenas estava a apreciar o momento, e a cada movimento lento dele eu cada vez ia ficando mais molhada.

— Está bom, Raquel? Diz-me, vá! — insistiu ele, ofegante, os olhos cravados nos meus.

— Hum... Está ótimo — murmurei com um sorriso malandro, provocando.

— Isso, desfruta. Vem-te para o pai — disse ele num sussurro rouco, como se estivesse a guiar cada segundo da cena.

E naquele exato momento senti um raio eletrizante percorrer todo o meu corpo e, sem me controlar, comecei a emitir gemidos no ouvido dele.

— Isso, vem-te... Está bom, né?... Ninguém te fode como eu!... Vem-te...

E eu vim-me! Que orgasmo intenso, daqueles que parecem durar uma eternidade, até as pernas ficam bambas de tanta impetuosidade. Desta vez, a entrega assumiu uma dimensão completamente distinta, transcendendo o mero desejo carnal e mergulhando em algo mais profundo e íntimo. Havia uma delicadeza nos seus gestos, uma intensidade no seu olhar que, pouco a pouco, desfazia as muralhas que sempre ergui para me proteger. Sem que eu percebesse, ele estava a penetrar não apenas o meu corpo, mas também as camadas mais resguardadas da minha alma, abrindo caminho para uma vulnerabilidade que sempre temi. Naquela noite, algo impercetível começou a transformar-se dentro de mim, como se uma nova verdade estivesse prestes a emergir.

Mas, sem que nada o fizesse prever, o silêncio instalou-se entre nós novamente, preenchendo os dias com uma ausência que não foi interrompida por

qualquer mensagem ou gesto inesperado. Durante as duas semanas seguintes não trocámos uma única palavra, e se ele não sentiu a necessidade de me procurar, porque haveria eu de tomar a iniciativa? Resignei-me à distância, convencendo-me de que o tempo trataria de apagar as interrogações que surgiam no meu íntimo.

No entanto, numa quinta-feira aparentemente banal, enquanto desfrutava de um jantar caseiro com as meninas, o inesperado aconteceu: o ecrã do meu telemóvel iluminou-se com uma notificação dele.

— Olá, miúda! Que tens feito, andas desaparecida?! — disse o Alfaiate, com aquele tom animado, como se nada tivesse passado.

— Sr. Alfaiate, como estamos?!... Poderia dizer o mesmo! — respondi, deixando a provocação implícita na mensagem.

— Tenho estado extremamente atarefado com a pesquisa de um projeto académico para a universidade e, além disso, cuidar das crianças exige tempo e dedicação, sabes como é! — explicou, num tom quase defensivo.

— *Lol*... desculpas — disse, revirando os olhos.

— Queres combinar algo? — perguntou meio acanhado, como se pisasse ovos.

— Quero, mas só tenho disponibilidade para a semana... — respondi, já a pensar na agenda.

— Amanhã não consegues? — insistiu, com um fio de esperança na voz.

— Não, vou passar o fim de semana fora, só regresso domingo... Lá para terça dou notícias — informei com leveza, enquanto me espreguiçava.

— *OK*, não te esqueças. Tenho saudades tuas! — disse num tom doce, quase sussurrado.

— Combinado... Chau — finalizei com um tom casual, já meio desligada da conversa.

Na sexta-feira, conforme combinado, fui para Setúbal passar o fim de semana com a Carlota. Que fim de semana incrível tivemos! Fizemos um passeio de lancha até à deslumbrante ilha de Troia, onde aproveitámos o sol, a praia e o mar. Entre boa comida e algumas bebidas, desfrutámos de cada momento ao máximo.

Como na segunda-feira ela tinha o dia livre, já estava decidido que ficaria por Setúbal, enquanto eu regressaria a Lisboa. Por volta das 17h, ela deixou-me na estação do comboio, dando início à minha viagem de regresso. Com uma hora pela frente e tempo para ocupar, aproveitei para editar algumas das fotos que tirámos e partilhá-las no Instagram. Mal publiquei um *story*, ele interagiu:

— Então, miúda, como foi esse fim de semana? — perguntou, com curiosidade genuína.

— Foi incrível, estou de coração cheio! E tu, sobreviveste? Olha que estou a passar a ponte 25 de Abril e só me ocorre fazer-te um estrago... O que dizes?

— Ah, Raquel... Tentador, mas hoje não consigo, tenho o António — disse ele, meio atrapalhado.

— Isso nunca foi impedimento antes... — provoquei, com um tom maroto.

— Hoje não consigo mesmo! — insistiu, agora mais firme, quase a pedir compreensão.

— OK, tranquilo! Terça, então — concordei, com um encolher de ombros imaginário.

— Combinado! — respondeu ele, com um tom meio culpado, meio ansioso.

Assim que cheguei a casa e tratei de tudo o que precisava, decidi dar uma espreitadela no Instagram. Lá estava ele, com um *story* recém-publicado: uma foto do rio Tejo, o majestoso Cristo Rei ao fundo e a ponte a compor o cenário, com um comboio a passar e um coração desenhado. Era impossível não reagir.

— Isso é tudo vontade de me ver? — perguntei, já a antecipar a resposta.

— Sim, gostava muito de te ver hoje, Raquel! — respondeu.

— Eu já tinha mostrado interesse, tu é que resolveste dificultar o processo — escrevi, com um toque provocador.

— Podes vir às 22 h? Eu sei que é domingo, amanhã tens de acordar cedo, mas antes disso não consigo — explicou, pedindo uma exceção especial.

— Tranquilo, não me parece ser assim tão tarde — respondi.

— Combinado — disse ele.

Assim que cheguei, o Alfaiate levou-me diretamente para o quarto. Com um gesto envolvente, atirou-me delicadamente para a cama, e assim começou mais uma maratona de sexo. No entanto, algo nele estava diferente — sentia-o inquieto, distante, como se a energia com que me recebia habitualmente tivesse sido substituída por uma agitação contida.

— Então, miúda... como correu esse fim de semana? — perguntou com um ar leve, mas os olhos denunciavam uma curiosidade ansiosa.

— Já me fizeste essa pergunta há umas horas — respondi com um olhar cortante, como quem já perdeu a paciência.

— E então... foi bom? — insistiu, agora num tom mais cauteloso, quase a medo.

— Ótimo — disse de forma seca, como quem fecha uma porta sem bater, mas com firmeza.

— E então... o teu «programa» deixou-te assim tão satisfeita? — disse, arqueando a sobrancelha, a voz carregada de desconfiança.

— Mas tu achas que passei o fim de semana inteiro a foder? A vida não gira à volta disso, Alfaiate — disse, erguendo as sobrancelhas, incrédula com a obsessão.

— Mas hoje... fodeste? — perguntou mais baixo, com uma pontada de ciúme mal disfarçada.

— Sim, contigo. Agora, caso tenhas esquecido — respondi com ironia afiada, quase a rir-me da pergunta.

— Mas foste de fim de semana... — murmurou, desconfiado, como quem tenta montar um *puzzle* que só existe na própria cabeça.

— Fui. E então? — rebati, olhando-o de frente, como quem desafia.

— E estás aqui comigo num domingo à noite porquê? — perguntou, visivelmente desconcertado, como se esperasse uma resposta que o acalmasse.

— Porque qualquer dia é bom para um orgasmo. E porque gosto do sexo contigo... — respondi com um sorriso sarcástico, mas os olhos diziam outra coisa.

— Estava a pensar ir a Dublin... — disse, com aquele tom vago de quem lança o isco.

— Outra vez essa conversa? Estás mesmo a querer que te acompanhe, não estás? Mas, se for o caso, tens de me convidar como deve ser — rebati, cruzando os braços, meio farta, meio tentada.

— Mas... irias? — perguntou com esperança na voz, como se ainda houvesse espaço para um talvez.

— Não. Não quero ir para lado nenhum contigo. Convida uma das «pitas». Aposto que aceitam sem pestanejar — disparei, com um tom ácido, cortando o momento como uma faca afiada.

Levantei-me calmamente, vesti-me e fui embora.

Ao contrário dele, tinha horários a cumprir na manhã seguinte.

Nos dias que se seguiram ele começou a praticar o *ghosting*, talvez para testar a minha reação. Na altura ainda não compreendia completamente o jogo psicológico por trás disso e, sem perceber, deixei que as suas atitudes afetassem o meu estado de espírito. Sentia-me irritadiça, inquieta, e quanto mais ele me ignorava, mais eu pensava nele.

Numa noite de novembro, enquanto jantava com a Carlota, desabafei sobre toda a confusão de sentimentos que me consumia. Falar sobre aquilo em voz alta fez-me perceber que já não podia continuar assim. Tomei, então, a decisão de encarar a situação de frente. Despedi-me da Carlota e segui para casa. No caminho, peguei no telemóvel, respirei fundo e, sem hesitar, enviei-lhe um áudio.

— Olá, Alfaiate, como tens estado? Sinto que o tempo tem criado um certo distanciamento entre nós, e não posso deixar de notar que pareces estar a evitar-me. Não compreendo exatamente o motivo, mas queria que soubesses que ando num turbilhão de emoções quando penso em ti. A verdade é que, por mais intensa que seja a ligação que temos, não quero que ela se resuma apenas a momentos fugazes entre quatro paredes. Quero mais. Quero-te em outras dimensões da vida. Num jantar demorado, numa caminhada sem pressa, num filme partilhado, num abraço que dure a noite inteira. Não sei exatamente aonde isto nos leva, mas sei que, se for contigo, quero descobrir.

Cinco minutos depois senti o meu telemóvel vibrar, era o nome dele no ecrã:

— *Queres ver um filme comigo, Raquel?* — perguntou.

— *Hoje?! Mas já é tão tarde, Alfaiate...* — respondi, incrédula com a hora.

— *Não foste tu que disseste que querias tudo isso?* — retorquiu com um tom provocador. — *Temos de começar por algum lado.*

— *OK...* — suspirei, fingindo relutância. — *Dá-me meia hora e já vou aí ter* — disse, mordendo o canto do lábio e com um leve sorriso malicioso a formar-se.

Todos os sinais de alerta estavam lá, evidentes como um farol na escuridão, mas a minha natureza otimista escolheu ignorá-los. Acredito, confio, e talvez por isso permito-me sonhar. Ao chegar a casa mergulhei na banheira, deixando a ansiedade diluir-se na água morna, e preparei-me com a mesma dedicação de quem se arranja para um encontro inesquecível. Quando cheguei ao Campo Pequeno a madrugada já avançava, mas era sábado, quem se importa com isso? Eu deveria importar-me, claro. Se eu não me valorizar, quem o fará? Ainda assim, a euforia do convite tomou conta de mim. Já ansiava por este momento há algum tempo: adormecer nos seus braços, sentir a calma de uma noite compartilhada.

E, finalmente, a pergunta que tanto esperei veio: um convite para ficar.

— Não vim preparada para dormir aqui... — confessei. — Podes emprestar-me uma *t-shirt*?

Ele sorriu e foi buscar uma ao armário. Vesti-a, senti o tecido macio tocar na minha pele. Deitei-me do seu lado, feliz, quase em êxtase com a sensação de finalmente dormir acompanhada novamente. Já nem me lembrava da última vez que isso tinha acontecido... quase um ano se havia passado desde a última vez.

Fechei os olhos e deixei-me envolver pelo seu abraço.

Durante a madrugada despertei com o calor do seu corpo colado ao meu, o desejo a pulsar entre nós. Assim que senti aquele volume rijo contra mim,

um calafrio percorreu-me a espinha, como um interruptor que se liga num segundo. O resto da noite foi um turbilhão de prazer, em que me perdi em toques, gemidos e oito explosões de êxtase. Com ele, alcançar o clímax era tão natural quanto respirar. E, depois de tanto prazer, adormeci de novo, profundamente, embalada pelo cansaço delicioso de uma noite inesquecível.

Na manhã seguinte acordámos cedo, ainda aninhados um no outro. Ele pegou no telemóvel e colocou uma *playlist* da sua banda favorita, Dave Matthews Band. «Crash into me», «Space between», toda uma infinidade de músicas. Entre sorrisos, cantarolou para mim com a sua voz rouca, que a cada nota ia enchendo o ambiente com uma intimidade reconfortante. Partilhámos histórias da nossa infância, da vida adulta, sonhos e projetos. Não encontro outro adjetivo que melhor defina — felicidade! Foi o que senti naquele momento, finalmente tinha encontrado alguém que partilhava dos mesmos gostos e sonhos, viajar, divertir... tirar o maior proveito da vida.

Passado algum tempo, ele sugeriu:

— Que tal tomarmos o pequeno-almoço na melhor croissanteria da cidade?

Aceitei com entusiasmo. Levantámo-nos, tomámos um duche rápido e saímos de seguida. No carro, enquanto dirigia, percebi uma leve inquietação nele. Olhava para os lados, parecia demasiado atento ao movimento ao redor.

— O que foi? — perguntei, curiosa.

Ele sorriu de canto, como quem hesita em dizer algo óbvio.

— Estava a pensar nas velhotas curiosas que frequentam o café... Elas adoram comentar quem eu levo lá.

Ri da sua preocupação. Talvez houvesse mais histórias naquele lugar do que ele estava disposto a admitir. Mas, naquele momento, nada disso importava. Apenas aproveitei o passeio e a companhia, saboreando a sensação de que, por ora, ele era só meu.

Deixei-o escolher o que recomendava ser o melhor *croissant*, mas que ficava muito aquém do da Choupana, devo admitir.

Mas subitamente a postura dele mudou. Assim que lá chegámos, o encanto que ainda restava esfumou-se. Durante o tempo em que ali estivemos, o único tema de conversa foi o seu Instagram e as mil seguidoras que, segundo ele, o perseguiram com convites e mensagens atrevidas. Narcisismo em estado puro. A certa altura, como se eu fosse invisível, recebeu uma mensagem da tal «pita» e começou a responder-lhe ali mesmo, sem o menor pudor. Fiquei incrédula. Olhei para ele, esperando bom senso, mas nada. Disse-lhe, com firmeza, que aquela atitude era no mínimo desrespeitosa. Ele encolheu os ombros e soltou, com uma falsa compaixão:

— Ela tem muitas saudades minhas... Tenho pena dela, coitada.

Foi o suficiente. Senti-me humilhada. Levantei-me, fui até ao balcão, paguei a conta, a nossa, e saí determinada em direção ao meu carro. Ele veio atrás de mim, a tentar minimizar a situação, como se eu estivesse a exagerar.

— Adeus, Alfaiate. Tem um ótimo domingo — atirei, com a raiva a queimar-me o peito. Que audácia!

Os dias passaram sem qualquer sinal dele, como se tivéssemos entrado num jogo silencioso em que o vencedor era aquele que demonstrasse menos interesse. Aos poucos fui-me moldando às regras, jogando as minhas cartas com a mesma indiferença calculada. Numa noite, enquanto jantava em casa da Carlota, entre risos e conversas animadas, o toque do meu telefone quebrou o clima. Olhei para o ecrã, e por um breve instante o jogo pareceu inclinar-se a meu favor.

— *Olá, Raquel, como estás?* — perguntou o Alfaiate. — *Preciso de alertar-te para uma coisa.*

— *Como assim?* — perguntei, curiosa e completamente alheia ao que aí vinha, do tipo final de temporada de série em que que ninguém vê a reviravolta a chegar.

— *A «pita»... Quer dizer, a minha namorada... Mexeu no meu telemóvel e viu umas mensagens nossas. Pode ser que te procure. Já me fez um drama enorme e quer clarificar tudo contigo, é só para estares prevenida.*

— *Ah, então tens namorada? Curioso, porque quando te conheci eras solteiro. Mas, obrigada pela preocupação! Em todo o caso, ela é um problema teu, não meu!*

— *Não é bem assim... É complicado.*

— *Não, não é complicado. É bem simples. Disseste que estavas solteiro, mas afinal tinhas alguém. O problema agora é todo teu. Resolve!*

— *Eu não quero confusão. Só estou a avisar-te para, se ela perguntar, não assumires nada. Diz que somos só amigos, que não aconteceu nada de mais.*

— *Ah, entendi. Tu fazes a confusão e eu é que tenho de te ajudar a limpar?*
— expressei sarcasticamente.

— *Não é isso... Só quero evitar drama, Raquel.*

— *Drama já há de sobra. Mas fica descansado, porque não sou eu que vou perder tempo a dar satisfações a ninguém. Se ela vier perguntar, problema dela. E, principalmente, problema teu.*

— *Não precisas de ser assim...* — suspirou o Alfaiate.

— *Assim como? Honesta? Porque, ao contrário de ti, eu não minto.*

— *Não estás a facilitar as coisas, Raquel.*

— *Pois não. Mas quem tem de facilitar aqui és tu. Boa sorte com isso.*